

**A INFLUÊNCIA DO FATOR GÊNERO NA VARIAÇÃO
DA AUSÊNCIA/PRESENÇA DE ARTIGO DEFINIDO
DIANTE DE ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS
NA ZONA RURAL DAS LOCALIDADES
DE ABRE CAMPO E MATIPÓ**

Andréia Almeida Mendes (UFMG/DOCTUM)
andreialetras@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

Este estudo tem como objetivo pesquisar a respeito da influência do fator gênero na variação da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na fala dos habitantes da zona rural das localidades de Matipó e Abre Campo. A hipótese inicial se baseou no fato de que de que as mulheres tendem a usar menos variantes estigmatizadas e não padrão do que o mesmo grupo social de homens, nas mesmas circunstâncias

As cidades estudadas são localidades limítrofes, estando uma a 22 km da outra. Devido a isso, torna-se curioso o fato desse fenômeno sintático se apresentar em variação. A maior presença ou ausência de artigos definidos em determinados contextos nessas duas localidades já foi comprovada em Almeida Mendes (2009).

2. O artigo

O artigo é uma categoria morfológica encontrada nos idiomas românicos que não existia no latim clássico. Essa classe de palavras “só aparece nos últimos tempos do latim vulgar e em escritores tardios.” (COUTINHO, 2004, p. 251). Eles são determinantes do substantivo; junto a ele, os artigos formam um grupo nominal – SN; devido a esse fato, alguns estudiosos consideram o artigo definido como expressão de uma categoria do nome – a categoria da determinação.

O artigo procede do sistema demonstrativo latino; na maioria das línguas românicas o artigo definido provém do pronome *ille* (aquele); mas, em outras línguas românicas como o sardo e o catalão, o artigo definido se origina do pronome *ipse* (mesmo, próprio).

Com o tempo, os pronomes demonstrativos acabaram se transformando no artigo definido. Assim, o artigo definido nas línguas românicas é o resultado de uma reorganização do sistema dêitico latino. No caso da língua portuguesa e de grande parte das línguas românicas, o artigo se originou do pronome demonstrativo *ille*; prova disso é a conservação do *l* nas línguas românicas – francês: *le, la*; provençal: *lo, la*; castelhano: *el, lo, la*; italiano: *il, lo, la*; inclusive o português em sua fase arcaica aparecia sob a forma *lo, la*. (COUTINHO, 2004, p. 251).

Lorach afirma que o artigo definido, embora seja também um determinante, o é de maneira diferente dos demais. Ele seria, no caso, um acidente do substantivo, assim:

Em “el-rei”, provavelmente, o artigo está apocopado. Antenor Nascentes assim explica esta apócope: “a rapidez com que os arautos da corte deviam pronunciar a expressão ‘elo rei’ ao anunciarem a presença do soberano, acarretou a apócope do ‘-o’ final do artigo criando-se então a locução estereotipada “el-rei”” (COUTINHO, 2004, p. 251),

como os morfemas de número, podendo estar presente ou não, acarretando com isso, uma diferença de significado.

3. *O antropônimo*

A antroponímia é uma das áreas de estudo da onomástica que tem como objeto de estudo o antropônimo – nomes próprios individuais, nomes parentais ou sobrenomes e alcunhas ou apelidos. Câmara Júnior afirma que:

Geralmente o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antropônimos que formam uma locução. Aí, se destaca o prenome, que é o nome próprio individual, e o sobrenome, que situa melhor o indivíduo em função da sua procedência geográfica, da sua profissão, da sua filiação, de uma qualidade física ou moral de uma circunstância de nascimento. (CÂMARA JÚNIOR, 1984, p. 53-54)

Assim, o nome próprio é uma subcategoria de nomes formada de termos que, semanticamente, referem-se a um objeto extralinguístico, específico e único, destacado por sua denominação dos objetos da mesma espécie. Desse modo, para esses autores, um nome próprio não possui outra significação senão a do nome dele próprio, uma vez que não é possível reconhecer as propriedades do indivíduo que o classifiquem como membro de classe.

4. O artigo definido e o antropônimo

De acordo com as gramáticas tradicionais,

Os nomes próprios de pessoa não levam artigo, porque aquele a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço (...) Na linguagem de intimidade (...) antepõe-se com frequência o artigo a nomes de pessoas conhecidas daqueles com quem conversamos. (SAID ALI, 1971, p. 220)

É frequente no Brasil e em Portugal o uso do artigo definido antes de nomes de batismo, o que lhes daria um tom de afetividade ou familiaridade (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 103).

Apesar das prescrições gramaticais acima, o que se percebe, no entanto, é que, tanto em outras línguas como no português existe um comportamento diferenciado a respeito da ausência/presença do artigo. Em trabalhos anteriores como em Moisés (1995), se constatou que no português culto de Belo Horizonte há uma tendência ao emprego do artigo definido; em Mendes (2000) se percebe que os falantes idosos de Barra Longa tendem a utilizar o artigo zero antes do antropônimo; e em Amaral (2003), em que foram realizadas entrevistas nas cidades de Paracatu, Minas Novas e Campanha, observa-se que o fenômeno estudado parece configurar áreas lingüísticas no espaço mineiro diferentes daquelas em que estão os falares propostos por Zágari; nota-se que a ausência/presença do artigo diante de antropônimo parece configurar um caso de variação dialetal em Minas Gerais.

5. O fator gênero

Para Chambers (1995, p. 102), em qualquer estudo sociolingüístico que inclui uma amostra de homens e mulheres, há evidências de que as mulheres tendem a usar menos variantes estigmatizadas e não padrão do que o mesmo grupo social de homens, nas mesmas circunstâncias. Segundo ele, as inovações tendem a ser difundidas pelas mulheres, o que é explicado devido, por exemplo, ao papel social atribuído a ela de educação dos filhos.

Alves (2008) levanta a hipótese de que as mulheres tenderiam a fazer o maior uso do artigo definido diante de antropônimo, mas comprovou que os homens mostraram-se levemente favorecidos da presença de artigo definido neste contexto. Já em Almeida Mendes (2009), as mulheres utilizaram mais o artigo definido diante de antropônimos do

que os homens em Abre Campo; em Matipó, por sua vez, a presença é ligeiramente mais usada entre os homens.

Estudos anteriores como o de Callou e Silva (1997) apontam que o fenômeno não é estigmatizado e nem valorizado socialmente, estando ligado apenas a aspectos teóricos sobre definitude e à questão da mudança lingüística. Apesar disso, percebe-se, impressionisticamente, que as pessoas tem consciência deste fenômeno e tendem a criticar os moradores das localidades vizinhas com relação ao modo diferenciado de se falar.

6. Localidades pesquisadas

Segundo Blasenheim (1982), Matipó e Abre Campo situam-se na Zona da Mata mineira; esta região foi povoada por bandeirantes que saíram da Baía da Guanabara e seguiam à procura de ouro e pedras preciosas. A primeira expedição a tocar a Mata de Minas Gerais saiu da Guanabara em abril de 1543: eram quatro portugueses a explorar a sertão da costa do Rio de Janeiro; eles andaram bastante até alcançarem esta região.

A cidade de Abre Campo surgiu em uma sesmaria obtida junto à Coroa pelo desbravador José do Vale Vieira, em 1755, dando espaço à exploração e povoamento das terras de Abre Campo. Anos antes, em 1734, o explorador Matias Barbosa da Silva, liderando uma bandeira de setenta homens livres e cinquenta escravos, chegou até uma localidade de nome "Escadinhas da Natividade", onde combateu índios botocudos. O bandeirante fundou, nessa época, um presídio que teve vida efêmera, já que foi destruído pelos indígenas da região. Muitos anos se passaram até que surgisse novamente um povoado. Em abril de 1846, tornou-se distrito como parte do município de Mariana. Quatro anos depois, elevou-se o lugar à condição de paróquia, sendo reconstruída uma nova igreja. Em 27 de julho de 1889, foi criado o município de Abre Campo em território desmembrado de Ponte Nova.

A formação e a colonização da cidade de Matipó remontam do século XVIII, ou seja, de 1790; nesta época, João Fernandes dos Santos doou as terras onde se deu o povoado; inicialmente, as casas foram sendo construídas pelos empregados e outros, que aos poucos foram invadindo espaços. João Fernandes, vendo suas terras invadidas, já com igreja e quase uma centena de casas, resolveu doar três alqueires de terra para

formação deste povoado. O povoado, em 1860, passou a denominação de São João do Matipó. O povoado passa a distrito no final do regime monárquico de Dom Pedro II, integrando o município de Abre Campo até o ano de 1928, em que passa a ser considerado município.

7. Procedimentos metodológicos

Apesar de serem vizinhas limítrofes, essas localidades – Córrego Pouso Alto, em Abre Campo, e Córrego dos Lourenços, em Matipó – possuem padrões divergentes em relação a esse fenômeno: na zona rural de Abre Campo, não há uma variante predominante; na zona rural de Matipó, por sua vez, predomina a presença do artigo definido.

A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise quantitativa e qualitativa realizada no *corpus* constituído por 8 entrevistas: quatro realizadas no Pouso Alto (Abre Campo) e quatro realizadas no Córrego dos Lourenços (Matipó). Nessas entrevistas, ocorreram 2105 sintagmas nominais, dos quais 848 são constituídos de nomes próprios: sendo 620 de antropônimos e 228 de topônimos.

Em Abre Campo, com relação aos antropônimos, viu-se que prevaleceu ligeiramente a ausência de artigo definido (52%), tendo como fatores responsáveis por isso o gênero, a idade, o tipo de antropônimo e o grau de intimidade; já no que diz respeito aos topônimos, prevaleceu ligeiramente a presença de artigo definido (52%), tendo como fatores determinantes a idade e a localidade de sua cidade natal.

Em Matipó, por sua vez, no que se refere aos antropônimos, prevaleceu a presença nesse mesmo contexto (83%), tendo como determinantes os antropônimos em estrutura de genitivo, o gênero, a idade, a intimidade; já com relação aos topônimos, não houve variável que prevalecesse, apresentando cada uma 50 % no final da quantificação.

8. Análise dos dados

Inicialmente, cabe lembrar que essa análise se pauta na visão tradicional de gênero, limitado à noção de sexo biológico. Com base nos estudos de Chambers (1995) e Labov (1972), no que diz respeito a gênero, percebe-se que dentro de um mesmo grupo social, as mulheres tendem a utilizar menos variantes estigmatizadas do que os homens, usando mais as variantes de prestígio do que os homens; além disso, segundo esses

mesmos estudos, nota-se que as mulheres adaptam-se melhor linguisticamente do que os homens a uma variada gama de situações sociolinguísticas. Segundo esses autores, essa tendência ao conservadorismo deve-se ao fato de as mulheres serem mais conservadoras do que os homens, inovando menos do que eles; além disso, ao utilizarem as formas de prestígio, elas tentam alcançar *status* social. Para Cameron e Coates (1990), essas conclusões são questionáveis uma vez que a noção de conservadorismo é relativa e a crença de que as mulheres são mais sensíveis ao *status* origina-se do machismo presente nas normas.

Ao analisar o fator gênero nas localidades da zona rural de Abre Campo e de Matipó com relação ao emprego ou não de artigo definido diante de antropônimos e topônimos, chega-se aos seguintes resultados mostrados nas tabelas e gráficos abaixo:

	Mulheres	%	Homens	%
Presença	45	56%	54	43%
Ausência	35	44%	72	57%
Total	80	100%	126	100%

TABELA 1: Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na zona rural de Abre Campo – fator gênero

	Mulheres	%	Homens	%
Presença	25	51%	35	53%
Ausência	24	49%	31	47%
Total	49	100%	66	100%

TABELA 2: Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Abre Campo – fator gênero

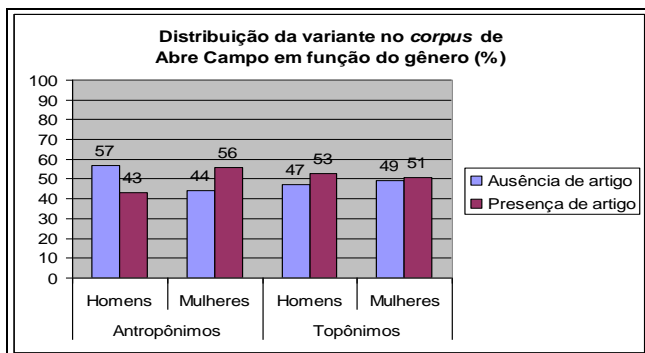


GRÁFICO 1: Distribuição da variante ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na zona rural de Abre Campo com relação ao gênero.

	Mulheres	%	Homens	%
Presença	219	80%	125	90%
Ausência	56	20%	14	10%
Total	275	100%	139	100%

TABELA 3: Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na zona rural de Matipó – fator gênero

	Mulheres	%		Homens	%
Presença	37	46%		20	62,5%
Ausência	44	54%		12	37,5%
Total	81	100%		32	100%

TABELA 4: Distribuição da ausência/presença de artigo definido diante de topônimos na zona rural de Matipó – fator gênero

Os dados acima serão melhor visualizados no gráfico 2.

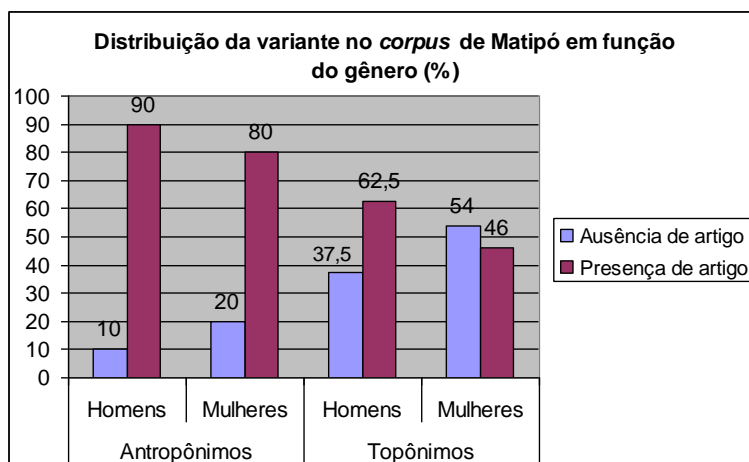


GRÁFICO 2: Distribuição da variante ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na zona rural de Matipó com relação ao gênero

Em Abre Campo, as mulheres usam mais a presença de artigo diante de antropônimo (56%) do que os homens (43%) com relação aos antropônimos. Já com relação aos topônimos, a situação quase se iguala, a variante presença é ligeiramente mais utilizada pelos homens (53%) do que pelas mulheres (51%).

Já em Matipó, com relação aos antropônimos são os homens que mais utilizam o artigo definido (90%) do que as mulheres (80%). A situ-

ação se repete com relação aos topônimos, os homens utilizam mais artigo definido (62,5%) do que as mulheres (46%).

9. Considerações finais

Como informado anteriormente, para Chambers (1995, p. 102), há evidências de que as mulheres tendem a usar menos variantes estigmatizadas e não padrão do que o mesmo grupo social de homens, nas mesmas circunstâncias. Segundo ele, as inovações tendem a ser difundidas pelas mulheres.

Percebeu-se, em Matipó, que com relação aos antropônimos são os homens que mais utilizam o artigo definido (90%) do que as mulheres (80%). A situação se repete com relação aos topônimos, os homens utilizam mais artigo definido (62,5%) do que as mulheres (46%). Já em Abre Campo, as mulheres usam mais a presença de artigo diante de antropônimo (56%) do que os homens (43%) com relação aos antropônimos. Já com relação aos topônimos, a situação quase se iguala, a variante presença é ligeiramente mais utilizada pelos homens (53%) do que pelas mulheres (51%). A análise destes dados não comprova o que é postulado por Chambers (1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA MENDES, Andréia. *A ausência ou a presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na fala dos moradores da zona rural das cidades de Abre Campo e Matipó – MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ALVES, Ana Paula Mendes. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens moradores de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattos. Morfologia Pronominal. In: _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1968.

CAMERON, D; COATES, J. (Orgs). *Women in their speech communities*. Nova York: Longman, 1990.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Lindley F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The design of a sociolinguistic research project (DSRP)*. Chapter II of the Report of the Sociolinguistics Workshop held by the Central Institute of Indian Language in Mysore, India, May-June, 1972a. Mimeo.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência/presença do artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.